



**JARDIM SÃO PAULO E A COMUNIDADE PLANETA DOS MACACOS:
IDENTIDADE, HISTÓRIAS FEMININAS E RESISTÊNCIAS PERIFÉRICAS NO
RECIFE**

Maria Júlia da Silva Moraes

Universidade Católica de Pernambuco.

maria.00000852368@unicap.bre

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise reflexiva sobre a história do bairro Jardim São Paulo, localizado na cidade do Recife, abordando também os processos de estruturação, inserção, construção identitária e resistência na comunidade Planeta dos Macacos, pertencente ao mesmo bairro. A pesquisa tem como ponto de partida o projeto de extensão universitária em andamento 'Elas Contam: as vozes do empoderamento feminino na comunidade', sob a coordenação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques, em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e a EREM Professor Trajano de Mendonça, no qual são trabalhadas e valorizadas a oralidade, a memória e as histórias das mulheres que residem no bairro Jardim São Paulo. Ademais, o artigo se fundamenta na dissertação 'Do Convento a um Barraco na Planeta dos Macacos', de Severina Madalena da Silva, que analisa de forma aprofundada a origem da comunidade Planeta dos Macacos a partir da cheia de 1975, relacionando diversos fatores à sua história, sendo eles religiosos, socioeconômicos e de resistência dentro da periferia, os quais também serão abordados neste artigo. Dessa forma, o artigo se constitui em mais uma ferramenta de aprendizado e reflexão sobre os contextos históricos e plurais nos quais as comunidades brasileiras, em especial a Planeta dos Macacos, emergiram, atravessando complexidades e mecanismos de sobrevivência em meio às diversas dificuldades sociais e estruturais. Além disso, o artigo dialoga com o projeto 'Elas Contam' no que se refere ao compromisso de reafirmar a importância da escuta de histórias, especialmente aquelas protagonizadas por mulheres, que contribuem para a preservação da memória e se tornam símbolos de resistência para a comunidade. Portanto, a história do bairro Jardim São Paulo traz consigo diversas contribuições para a construção da identidade histórica da cidade

do Recife, revelando a necessidade de reconhecer um outro lado do imaginário periférico, historicamente construído a partir de estereótipos sistemáticos.

Palavras-chave: comunidade; resistência; Jardim São Paulo; Planeta dos Macacos.

1. Introdução

No Brasil, construiu-se um imaginário sobre a forma como enxergamos e tratamos as comunidades periféricas, independentemente da localidade ou da região que compõe o território nacional. Esse imaginário deriva de uma construção hierárquica histórica, proveniente de nossa recente herança colonial, que propaga uma visão equivocada e reducionista dessas comunidades, frequentemente resumidas à violência, à desorganização e, em muitos casos, à ideia de um espaço de degeneração.

Essas características, construídas e reconstruídas no imaginário popular e amplamente absorvidas pela sociedade, suscitam a necessidade de analisarmos os contextos estruturais e, talvez, dimensionais nos quais as comunidades brasileiras estão inseridas. Afinal, nada é tão concreto que não possa ser interpretado de diferentes maneiras.

A estruturação e o desenvolvimento de um bairro, como o Jardim São Paulo, e de uma de suas comunidades, se enquadram nesse contexto e se tornam não apenas uma, mas várias histórias a serem contadas, histórias que abrangem questões religiosas, sociopolíticas, econômicas, étnico-raciais, de gênero, regionais, entre outras. É a partir desse questionamento que podemos construir e reconstruir narrativas que, juntas, criam não apenas um relato mais rico e potente, mas também uma identidade mais plural e abrangente.

Dessa forma, este artigo propõe uma análise das complexidades estruturais e da formação do bairro Jardim São Paulo e da comunidade Planeta dos Macacos, construída não apenas a partir de pesquisas oficiais, mas também das narrativas que compõem essa localidade e que contribuíram para torná-la o que é hoje.

No primeiro ponto, “Jardim São Paulo e o Projeto Elas Contam: As Vozes do Empoderamento Feminino da Comunidade”, estabeleço uma relação entre a importância de compreender a história do bairro onde o projeto “Elas Contam” está em atuação e a relevância das narrativas femininas que emergem dessa comunidade. A intenção é evidenciar como as histórias de vida dessas mulheres contribuem para a construção e a preservação da memória

coletiva, fortalecendo processos de luta, resistência e afirmação periférica no contexto da história comunitária.

No segundo, “A História do Bairro Jardim São Paulo”, abordo a trajetória desse bairro, destacando suas origens, transformações e contribuições para a configuração urbana e social da cidade do Recife. Busca-se compreender como o bairro se constituiu ao longo do tempo, analisando o contexto em que está inserido e estabelecendo uma reflexão ao identificar suas particularidades, bem como os seus desafios e potencialidades.

No terceiro ponto, “A Comunidade Planeta dos Macacos”, que constitui o foco central deste artigo, dedica-se a analisar, refletir e dialogar sobre a estruturação e a origem da comunidade, tendo como principal referência a dissertação *Do Convento a um Barraco na Planeta dos Macacos*, de Severina Madalena da Silva. Nessa seção, são discutidas temáticas relacionadas à resistência nas periferias e aos desafios enfrentados por seus moradores dentro de um contexto social, político e econômico marcado por desigualdades e processos de exclusão.

No quarto ponto, “A Construção de Um Imaginário Periférico”, desenvolve-se uma reflexão analítica acerca do imaginário popular construído a partir de estereótipos sobre as comunidades e os sujeitos que nelas residem. Propõe-se um diálogo sobre as nuances e os fatores sociais e estruturais que alimentam e reafirmam esse imaginário até os dias atuais.

Por fim, no quinto e último ponto, “Considerações Finais”, reafirmo a importância social de compreendermos e analisarmos a história não apenas do bairro Jardim São Paulo e de sua comunidade Planeta dos Macacos, mas também a relevância de conhecermos as histórias e complexidades de outras comunidades. Essa compreensão se revela como uma ferramenta fundamental para a valorização identitária de grupos historicamente marginalizados, que, apesar das desigualdades enfrentadas, constituem parte essencial das reflexões sobre patrimônio, oralidade e cultura.

Assim, compreender o bairro Jardim São Paulo, a comunidade Planeta dos Macacos e o imaginário periférico que se constrói em torno deles não é apenas um exercício descritivo, mas um ato político de leitura crítica do mundo. Retomar essas histórias significa possibilitar que as comunidades reivindiquem sua própria narrativa, rompendo com estruturas opressoras e afirmando sua potência.

2. Jardim São Paulo e o Projeto “Elas Contam: As vozes do Empoderamento Feminino da Comunidade”

Existe um abismo entre o simbolismo das ações de escutar e compreender. Enquanto a escuta é uma ação intencional e voluntária, a compreensão requer atenção e interpretação para que essa ação se complete. bell hooks¹ (2019), ao discutir práticas pedagógicas emancipadoras, afirma que a escuta profunda é um gesto político, capaz de romper silenciamentos históricos e abrir espaço para que sujeitos marginalizados produzam conhecimento a partir de suas próprias experiências. Assim, embora distintas em sua essência e funcionalidade, escuta e compreensão são inseparáveis quando tratamos de narrativas que reivindicam lugar de fala e de existência. Trabalhar com a oralidade, base do projeto Elas Contam, exige que a escuta se submeta a uma compreensão efetiva, para que possamos analisar as memórias e os contextos históricos que abarcam o nosso objeto de estudo: as histórias das mulheres que residem no bairro Jardim São Paulo e como essas histórias nos permitem compreender esse bairro como parte essencial da identidade do Recife.

De maneira resumida, e deixo isso claro, pois este artigo não poderia limitar a grandiosidade do projeto, o Elas Contam: vozes do empoderamento feminino na comunidade apresenta-se como um espaço de escuta e compreensão das histórias das mulheres que fizeram e fazem parte de Jardim São Paulo. Suas memórias, participações comunitárias, empreendimentos e resistências são essenciais para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos que o projeto abarca e que também integram a comunidade. Dialogando com hooks, reconhece-se que o saber produzido pelas mulheres, especialmente as que vivem em contextos de desigualdade, é fonte de conhecimento transformador. O contato com essas histórias permite reconhecer o protagonismo feminino e reafirmar o papel da oralidade dentro do campo historiográfico, fazendo com que suas narrativas ecoem como instrumentos de memória, identidade e transformação social.

Neste viés, o artigo utiliza essas histórias, decorrentes da escuta e da oralidade, como ferramentas para a análise e compreensão da história de Jardim São Paulo. Afinal, toda história é constituída por memórias, e essas memórias emergem das vivências e dos acontecimentos daqueles e, em especial, daquelas que as experienciaram. É por meio dessas narrativas que se torna possível compreender o bairro não apenas como um espaço geográfico, mas como um

¹ bell hooks (1952–2021), escritora e feminista norte-americana, destacou-se por suas reflexões sobre raça, gênero e pedagogia crítica.

território de afetos, resistências e construções identitárias. Tal perspectiva dialoga com a defesa de hooks de que a experiência vivida é uma chave epistemológica válida, especialmente quando se trata de grupos historicamente silenciados.

Ademais, por mais que possamos compreender um local a partir das vivências e memórias de sua comunidade, torna-se necessário também realizar uma pesquisa mais detalhada sobre essa história. Dessa maneira, a pesquisa sobre Jardim São Paulo permitirá que suas comunidades, seus residentes e todos os que se interessem em estudá-lo conheçam-no desde o seu âmago ou, historicamente falando, desde os seus primórdios. Uma investigação mais profunda oferece aos alunos do projeto, bem como aos membros da comunidade, a possibilidade de se reconhecerem como pertencentes e protagonistas da identidade cultural e histórica da cidade do Recife. Conhecer a própria história é, portanto, um ato de pertencimento e de afirmação da memória coletiva que sustenta a construção de uma sociedade mais consciente e plural. Nesse sentido, conforme Milton Santos² (1987), o espaço é um produto social, resultado das ações e relações humanas que nele se inscrevem; logo, investigar a história de Jardim São Paulo é essencial para compreender como a comunidade constrói, ao longo do tempo, sua própria identidade e memória coletiva.

Assim, o vínculo entre o projeto e este artigo nos possibilita compreender a importância e o protagonismo feminino na construção histórica de uma comunidade localizada no bairro Jardim São Paulo. Reconhecer a história dessa comunidade é também reconhecer o papel desempenhado pelas mulheres em diversos contextos e vivências que resultaram no que hoje conhecemos como o Planeta dos Macacos, uma localidade que emerge da sobrevivência, da resistência e, principalmente, do poder simbólico do cuidado. Como enfatiza bell hooks (2019), transformar a própria narrativa é um movimento de libertação, capaz de deslocar estruturas opressoras e afirmar a potência das vozes que historicamente foram marginalizadas.

3. A História de Jardim São Paulo

Abarcando localidades e comunidades como Planeta dos Macacos, Vila La Roque, Vila Saramandaia, Vila dos Bancários, Cais Ligeiro, Vila Real, Piracicaba, entre outras, o bairro Jardim São Paulo está localizado na Zona Sudoeste do Recife e integra a 5ª Região Político-

² Milton Santos (1926–2001), geógrafo brasileiro, reconhecido por suas contribuições à geografia urbana e social e à análise do espaço como produto social.

Administrativa (RPA-5)³ da cidade, juntamente com Afogados, Areias, Barro, Bongí, Caçote, Coqueiral, Curado, Estância, Jiquiá, Mangueira, Mustardinha, San Martín, Sancho, Tejiptó e Totó.

Sua história, assim como a de tantos outros bairros recifenses, é mais antiga e complexa do que se imagina, remontando ao período colonial português e à ascensão da economia açucareira. O nome do bairro faz referência ao antigo Engenho São Paulo, um dos engenhos vinculados ao Engenho da Várzea, então dividido em pequenas unidades produtoras de açúcar. Fundado por volta de 1554, o Engenho São Paulo foi inicialmente administrado por Francisco Carvalho de Andrade e Maria Tavares Guardéz, ambos de origem portuguesa.

Posteriormente, a propriedade passou a outros donos. Em 1637, pertencia a Henrique Afonso Pereira; em 1645, a Antônio de Oliveira; e, em 1770, a Lourenço Cavalcanti de Albuquerque. Esses proprietários, todos figuras de certa influência, conferiram diferentes usos ao território: Pereira provavelmente o utilizou para atividades de pecuária; Oliveira atuava como ouvidor-geral e provedor da Fazenda Real da Capitania de Itamaracá; e Cavalcanti ocupava o cargo de capitão-mor da Freguesia da Várzea, importante função administrativa da época.

O último registro de proprietário do Engenho São Paulo é o de José de Almeida Seixas, que o adquiriu em 1920. A partir dessa compra, ele resgatou os remanescentes do engenho e iniciou o loteamento das terras, processo que efetivamente deu origem ao bairro moderno. Em sua homenagem, o local conta hoje com a Rua José de Almeida Seixas.

O crescimento mais acelerado do bairro ocorreu a partir da década de 1930, quando a venda de lotes e de residências acessíveis atraiu novos moradores. Esse movimento precede em muito o momento em que os rios Tejiptó e Jiquiá, hoje canalizado, passaram a representar um incômodo coletivo. Com o avanço da urbanização sem infraestrutura adequada, a falta de saneamento básico e a crescente poluição dos rios tornaram-se problemas estruturais do território. Assim, o Jardim São Paulo foi se fragmentando em novos loteamentos e ocupações, formando diversas comunidades, como as mencionadas anteriormente.

³ A sigla RPA refere-se às Regiões Político-Administrativas do Recife, unidades territoriais utilizadas pela gestão municipal para organizar políticas públicas, serviços e ações administrativas. A RPA-5 compreende a porção Sudoeste da cidade e inclui bairros como Afogados, Areias, Barro, Bongí, Caçote, Coqueiral, Curado, Estância, Jiquiá, Mangueira, Mustardinha, San Martín, Sancho, Tejiptó, Totó e Jardim São Paulo, entre outros.

Esse incômodo coletivo relacionado aos rios tornou-se parte da história urbana do bairro. As enchentes recorrentes, a poluição e a insuficiência do saneamento transformaram-se ao longo das décadas em verdadeiros pesadelos para os moradores. Em períodos de cheia, as águas transbordam das ruas e invadem as casas, destruindo móveis, alimentos e eletrodomésticos, uma realidade que marcou gerações e que, infelizmente, ainda se perpetua.

Apesar desse cenário adverso, as populações que convivem diariamente com tais vulnerabilidades construíram uma intensa luta de resistência. A organização comunitária, a reivindicação constante por políticas públicas e a busca por soluções coletivas revelam a capacidade de enfrentamento e a resiliência desses moradores. Entre mobilizações, mutirões e redes de solidariedade, as comunidades reafirmam, dia após dia, o direito ao território e a condições dignas de vida, transformando a dor e o desgaste em força para pressionar por mudanças estruturais e mais justiça socioambiental.

Ademais, desde o processo de expansão urbana iniciado na década de 1930, o bairro Jardim São Paulo passou a consolidar um comércio diversificado, composto por mercados de diferentes portes, estabelecimentos varejistas, farmácias e feiras livres organizadas no entorno da praça principal. Observa-se, ainda, a presença de diversos restaurantes, que desempenham papel relevante como espaços de sociabilidade e integração comunitária.

A respeito de sua praça principal, compreende-se que este espaço desempenha um papel central na dinâmica social do bairro, constituindo-se não apenas como ponto de encontro para os moradores da comunidade, mas também como um importante polo de circulação de visitantes. A praça agrega um diversificado conjunto de manifestações culturais, abrangendo desde práticas de lazer até a oferta de gastronomia de qualidade, vestuário, artesanato e outros produtos típicos das feiras locais. Sua relevância extrapola, portanto, a função de espaço público de convivência cotidiana: a praça assume um valor simbólico e histórico para os residentes de Jardim São Paulo, configurando-se como elemento identitário do bairro. Para aqueles que já a visitaram, e para os que ainda venham a conhecê-la, o espaço representa uma síntese da vida comunitária, das tradições culturais e das transformações urbanas que marcam a trajetória histórica da localidade.

No que se refere à oferta educacional, o bairro abriga instituições de ensino de reconhecida importância, a exemplo da escola pública EREM Professor Trajano de Mendonça, além de algumas escolas particulares, contribuindo para a qualificação da infraestrutura educacional disponível à população local.

Diante do exposto, conclui-se que a história do bairro Jardim São Paulo tem muito a ensinar. Emergindo ainda no contexto pós-colonial e passando por inúmeras transformações urbanísticas ao longo de sua trajetória, o bairro consolidou-se como berço de importantes comunidades, abrigando um comércio ativo e tornando-se protagonista de diversas histórias de resistência sociopolítica e ambiental.

Sua história, assim como a dos demais bairros do Recife, compõe aquilo que reconhecemos como identidade cultural recifense, nos fazendo retomar a concepção de território desenvolvida por Milton Santos, onde o território não se reduz a uma porção delimitada do espaço geográfico, mas constitui um espaço vivido, marcado pelas práticas cotidianas, pelos afetos, pelas contradições e pelas relações de poder que nele se materializam.

Assim, compreender o bairro Jardim São Paulo e suas comunidades implica reconhecer que esse território é muito mais que uma localidade: trata-se de um campo de experiências e significados, onde identidades são construídas e onde a história se produz continuamente.

4. A Comunidade Planeta dos Macacos

Localizada no bairro Jardim São Paulo, na cidade do Recife, a Comunidade Planeta dos Macacos apresenta uma trajetória marcada por múltiplas complexidades históricas, sociais e culturais, que poderiam ser exploradas em páginas e mais páginas de relatos, pesquisas e análises detalhadas sobre sua formação, dinâmica interna e valor simbólico para o território e seus habitantes. Além do mais, trata-se de um espaço construído coletivamente, cujo desenvolvimento não se dá apenas por processos formais de urbanização, mas, sobretudo, por meio das ações, resistências e protagonismo de seus moradores, das instituições locais, das personalidades que por ali passaram e do contínuo esforço de reivindicação de direitos civis, sociais e constitucionais.

A história dessa comunidade, assim como a de tantas outras na cidade do Recife, remete a reflexões sobre a própria formação histórica do Brasil. A maneira como o país foi estruturado e desenvolvido ao longo do tempo criou condições em que problemas estruturais, como a falta de acesso à saúde e ao saneamento básico, a carência de moradia, a escassez de oportunidades educacionais, entre outras desigualdades, se tornaram elementos centrais na trajetória de diversas comunidades periféricas.

Além disso, tais consequências históricas influenciaram profundamente as percepções sociais e os imaginários construídos em torno dessas localidades, reforçando a ideia equivocada

de que os problemas seriam de responsabilidade exclusiva de seus moradores. Essa lógica desloca a responsabilidade das instituições estatais e governamentais, transferindo a culpa para aqueles que, na prática, são diariamente afetados por essas ausências estruturais. Dessa forma, compreender a história dessas comunidades é reconhecer que suas desigualdades não resultam de falhas individuais, mas de processos históricos, sociais e econômicos profundamente enraizados na formação da sociedade brasileira.

Portanto, este ponto procura oferecer uma abordagem concisa, ainda que representativa, dessa história complexa, destacando como a memória coletiva, as práticas comunitárias e a luta por reconhecimento social e urbano moldaram a identidade da Planeta dos Macacos. Ao compreender o papel ativo da comunidade na construção de sua própria narrativa, evidenciando que cada ação, cada resistência e cada conquista representa não apenas um marco local, mas também um processo simbólico de afirmação cultural, pertencimento e valorização da história periférica dentro do contexto mais amplo da cidade do Recife. Convidando-nos, assim, a refletir sobre como uma história se entrelaça e dialoga com tantas outras.

4.1. Estruturação da Comunidade

Para compreendermos como uma comunidade surge e como ocorre todo o seu desenvolvimento, é necessário considerar também o contexto sociopolítico e histórico em que ela emerge, para que, assim, possamos analisar suas particularidades e heranças simbólicas. Partindo desse pressuposto e bebendo da fonte da dissertação da Profa. Mestra Severina Madalena da Silva, a história da Planeta dos Macacos nasce em um período de grande repressão política e implacáveis restrições às manifestações populares: a Ditadura Civil-Militar (1964–1985), quando a insatisfação pública crescia e a resistência se tornava a única saída para a sobrevivência.

Nesse contexto, em julho de 1975, a cidade do Recife vivenciou uma de suas maiores catástrofes ambientais: a Grande Cheia. Da quinta-feira, dia 17, para a sexta-feira, dia 18, o rio Capibaribe e os córregos que o circundavam elevaram-se rapidamente e transbordaram, atingindo cerca de 80% do território recifense e inundando diversos bairros, muitos deles quase totalmente submersos, como Caxangá, Iputinga, Cordeiro, Casa Forte e Afogados. A cidade se viu tomada pelas águas, com milhares de famílias desalojadas, serviços interrompidos e a rotina urbana profundamente alterada, marcando assim um dos episódios mais traumáticos e históricos da cidade.

Como consequência desse evento, as vítimas da cheia, juntamente com as famílias que vinham de regiões campestres em busca de trabalho, passaram a ocupar áreas até então inabitadas da periferia do Recife, dando início a um processo de reconfiguração urbana por meio da formação espontânea de aglomerados nessas localidades. É nesse contexto turbulento que surge a Planeta dos Macacos, à esquerda da PE-232, em direção a Caruaru e nas proximidades da Mata do Curado, no bairro Jardim São Paulo, como resultado direto da luta pela sobrevivência e da busca por um novo começo após inúmeras perdas.

Sua estruturação e seu desenvolvimento comunitário podem ser compreendidos a partir de duas palavras que, embora não deem conta de abarcar plenamente a potência de sua história, expressam de forma significativa a riqueza simbólica da Planeta dos Macacos: perseverança e cuidado. A primeira relaciona-se à maneira como a comunidade se ergueu coletivamente em um período marcado pelo regime militar e pelo profundo descaso governamental, quando as tentativas de apropriação estatal do território em que ela se consolidava tornaram-se recorrentes ao longo de sua trajetória. A tentativa de sobrevivência e de reconstrução após uma cheia resultante de graves irresponsabilidades administrativas e ambientais passou a representar um incômodo para aqueles que deveriam responder pela tragédia; contudo, em lugar de assumirem suas responsabilidades, optou-se por inflamar conflitos e promover a estigmatização dos sujeitos atingidos.

A segunda dimensão, o cuidado, dialoga diretamente com esse contexto. A partir da passagem das Irmãs Beneditinas da Virgem Maria⁴, entre as décadas de 1970 e 1980, a comunidade passou a contar com um apoio fundamental em seu processo de organização e fortalecimento. As religiosas desempenharam papel central no auxílio às famílias, na orientação de jovens e adultos e na promoção de práticas coletivas fundamentadas no zelo, na solidariedade e na cooperação popular. Por meio de seu trabalho comunitário, contribuíram significativamente para a transformação da realidade local, sobretudo no campo da educação, do apoio à saúde pública, do acolhimento e da escuta, fortalecendo vínculos sociais e incentivando o protagonismo dos moradores na construção de sua própria história.

Esse cenário nos permite analisar que a atuação conjunta das Irmãs Beneditinas e da comunidade, especialmente das matriarcas e das filhas das famílias que ali residiam, foi decisiva para a consolidação da Planeta dos Macacos. Tal processo evidencia que, para além

⁴ As Irmãs Beneditinas da Virgem Maria integravam uma congregação da Igreja Católica Apostólica Romana, vinculada à tradição beneditina e às pastorais sociais atuantes nas periferias urbanas.

de uma estruturação coletiva, a história da comunidade tem como fundamento o protagonismo feminino em um contexto de evidente segregação de gênero e marcado por dispositivos patriarcais de dominação. As mulheres que constituíram esse território desempenharam um trabalho comunitário essencial, organizando práticas de cuidado, fortalecendo redes de solidariedade e assumindo funções de liderança que frequentemente lhes eram negadas no espaço público. Foram elas que, por meio de suas ações cotidianas, transformaram um espaço de abandono em um lugar de resistência, pertencimento e construção de novas possibilidades de vida.

Atualmente, a Planeta dos Macacos já não se organiza a partir das mesmas estruturas de seus primórdios. De forma orgânica, a comunidade acompanhou as transformações sociais, culturais e políticas da cidade do Recife, incorporando novas dinâmicas e formas de organização. Hoje, o território abriga não apenas grupos católicos, como no período da presença das Irmãs Beneditinas da Virgem Maria, mas também igrejas evangélicas e terreiros de religiões de matrizes africanas, compondo uma identidade comunitária marcada pela diversidade religiosa e cultural. Ainda assim, permanece viva a tradição de organização coletiva, resistência e cuidado mútuo, fortemente herdada da atuação das irmãs. É a partir desse legado que a comunidade continua a lutar, de forma solidária, pela efetivação de seus direitos constitucionais e pela reivindicação de melhores condições de vida, reafirmando seu protagonismo no espaço urbano.

4.2. Desafios e Resistências

A Planeta dos Macacos, assim como tantas outras comunidades que compõem a cidade do Recife, sustenta ao longo de toda a sua história uma ferramenta essencial para sua consolidação e para a continuidade de suas lutas por direitos: a resistência. Compreender que a resistência esteve presente em todos os marcadores temporais da comunidade é reconhecer que a luta foi contínua e simbólica, permitindo-nos analisar não apenas os desafios ambientais que deram início a essa história, mas também os desafios estruturais de gênero, de economia, de educação e de raça, expressos inclusive em seu próprio nome.

O primeiro desafio que a comunidade teve de resistir foi a cheia de 1975. E, embora esse desastre tenha marcado o início da formação da Planeta dos Macacos, os problemas ambientais que o provocaram fizeram, e ainda fazem, parte da realidade local. No Recife, essas vulnerabilidades ambientais são recorrentes muito antes da década de 1970: a primeira grande cheia ocorreu em 1966 e, mesmo após o impacto daquela tragédia, a má gestão das políticas

públicas ambientais resultou em novas inundações na década seguinte. A problemática das cheias, das inundações e das tragédias que ocorreram entre essas duas décadas não apenas se perpetuou, como continuou a atingir de forma desproporcional o mesmo grupo social: os moradores das comunidades periféricas, que seguem resistindo às consequências de uma urbanização desigual, marcada pela negligência estatal e pela naturalização da precariedade imposta aos territórios populares.

Para além dos desafios ambientais, a Planeta dos Macacos também resistiu a um contexto sociopolítico ditatorial que oprimia e negligenciava a população, em vez de construir políticas capazes de orientar a sociedade de forma abrangente, democrática e não hierárquica ou desigual. Refletir sobre esse período, no qual o protagonismo feminino sequer era pauta, é evidenciar como a estruturação da comunidade pelas mãos de mulheres fortes, como as Irmãs Beneditinas da Virgem Maria e as matriarcas da localidade, potencializou a luta pela consolidação não apenas da comunidade, mas também das vozes e da força administrativa dessas mulheres dentro de toda essa história social.

Ainda sobre o papel dessas mulheres atuantes, especialmente das religiosas, outros desafios que se somam às questões de gênero e que, novamente volto a frisar, ainda persistem na comunidade, são os desafios econômicos e educacionais, que se inter-relacionam em suas totalidades. A luta por uma educação pública de qualidade, por investimentos estruturais e básicos, por políticas que abranjam questões de saúde pública e que impactem diretamente os jovens que moram e estudam na localidade, constituiu uma forma de resistência dentro da Planeta dos Macacos. Essa resistência, por sua vez, reverberou em toda a herança identitária e comunitária da comunidade, fortalecendo a sua capacidade de ação coletiva e impulsionando a luta por reivindicações constitucionais.

No entanto, como se não bastassem as diversas violências sociais marcadas por todos esses desafios, é necessário também evidenciar o desafio de resistir aos dispositivos de racialidade⁵, conforme aponta Sueli Carneiro⁶. Esses dispositivos, que estruturam de forma sistemática desigualdades raciais, estão presentes não apenas na própria história da Planeta dos Macacos, mas também em seu nome. A denominação da comunidade surgiu da junção de uma piada

⁵ O termo “dispositivo de racialidade”, segundo Sueli Carneiro, refere-se a mecanismos sociais, culturais e políticos que estruturam desigualdades e opressões de forma sistemática, como ocorre com a racialidade.

⁶ Sueli Carneiro é filósofa, historiadora e ativista brasileira, referência do feminismo negro no Brasil. Pesquisadora da questão racial e de gênero, trabalha com racismo estrutural, desigualdade social e resistência das mulheres negras.

preconceituosa com um programa de TV que era transmitido na época, refletindo estigmas sociais historicamente associados às populações negras e periféricas. A resistência da comunidade frente a essas imposições revela a força de seus moradores em afirmar sua identidade, preservar sua cultura e os seus direitos dentro de um contexto marcado por múltiplas formas de opressão.

Assim, a memória histórica da comunidade Planeta dos Macacos nos revela uma leitura sobre sua construção como consequência de resistências e reivindicações contínuas, resultado de contextos sociopolíticos que remontam à história dessa comunidade, de outras que compõem a cidade do Recife e de muitas em todo o Brasil. Esse percurso evidencia os mecanismos estruturais e sistemáticos que marginalizam essas comunidades, reduzindo-as a estigmas capazes de intensificar os desafios ao longo de suas trajetórias. Contudo, como afirma Michel de Certeau⁷, mesmo em contextos de dominação, os sujeitos encontram formas de “práticas cotidianas de resistência”, capazes de subverter e transformar o espaço social em que estão inseridos, evidenciando que a resistência se dá também nos pequenos atos do dia a dia.

5. A Construção de Um Imaginário Periférico

No Brasil Colonial, especialmente durante o ciclo do ouro (XVII–XVIII), ocorreram profundas transformações urbanas, sociais e territoriais decorrentes da descoberta de jazidas auríferas em Minas Gerais. A sociedade colonial, já escravista, elitista e rigidamente hierarquizada, ampliou-se e tornou-se mais complexa com o crescimento rápido das vilas mineradoras e a intensa circulação de pessoas. Nesse contexto, difundiu-se o termo “desclassificados”, empregado pelas autoridades coloniais para designar aqueles que não se enquadravam na ordem social desejada. Eram considerados “desclassificados” os escravizados, libertos, mestiços, vadios, homens pobres, mulheres solteiras ou sem tutela masculina e, de modo geral, todos aqueles que escapavam aos padrões normativos e moralmente valorizados pela elite colonial.

A expressão funcionava como um mecanismo de controle e exclusão, reforçando a marginalização desses grupos em uma sociedade profundamente desigual e marcada pela constante vigilância social. Seus efeitos, porém, não se limitaram ao período colonial: o termo e tudo o que ele representava constituíram uma verdadeira herança colonial, cujos

⁷ Michel de Certeau (1925–1986) foi historiador, filósofo e sociólogo francês. É reconhecido por seus estudos sobre cultura, práticas cotidianas e estratégias de resistência, especialmente em *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, obra em que analisa como indivíduos criam formas de subverter estruturas de poder no dia a dia.

desdobramentos atravessam a história brasileira. Ao estigmatizar determinados grupos como moralmente inferiores ou socialmente perigosos, essa lógica reforçou preconceitos raciais, naturalizou desigualdades e ampliou, desde aquela época, o número de pessoas colocadas à margem da ordem social, um padrão de exclusão que continuou a influenciar as estruturas sociais brasileiras nos séculos seguintes.

Ademais, esse processo de construção histórica ancorado em um conceito colonial, assim como tantos outros que estruturaram a formação social brasileira, permite compreender como essa lógica permanece ativa no imaginário popular, especialmente quando se trata das comunidades periféricas, bem como das populações ribeirinhas, indígenas, quilombolas, entre outras. A recorrência desse imaginário em livros, filmes, programas de televisão, séries e até mesmo em piadas evidencia a naturalização de representações que reduzem esses grupos a estereótipos de violência, pobreza, raça, etnia ou classe. Reconhecer essas manifestações é identificar a perpetuação de uma lógica que viola os avanços sociais, reforça hierarquias historicamente construídas e sustenta uma profunda violência simbólica. Tal imaginário excludente revela não apenas os mecanismos de dominação da sociedade colonial, mas também como suas estruturas continuaram a influenciar a história e as percepções contemporâneas sobre o Brasil, desqualificando a humanidade e a capacidade desses grupos a partir de ideologias eurocêntricas e raciais, e reproduzindo estigmas de inferiorização, criminalização e carência que atravessam o tempo desde o período colonial.

Assim, ao beber de produções intelectuais e literárias de autoras e autores que historicamente foram posicionados à margem, rompe-se não apenas com a narrativa hegemônica que sustentou o projeto colonial, mas também com o imaginário periférico construído desde esse período, um imaginário que reduziu grupos, territórios e saberes à condição de ausência, carência ou subalternidade. Ao reivindicar vozes como Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Carolina Maria de Jesus, Cida Bento, Inaldete Pinheiro, Abdias Nascimento e Solano Trindade, desloca-se a centralidade do conhecimento e reafirma-se a periferia como espaço de produção intelectual, potência criativa e elaboração política. Desse modo, a leitura e a valorização dessas obras tornam-se instrumentos fundamentais para a desconstrução de estigmas coloniais e para a construção de novas formas de compreender a sociedade brasileira, pautadas na pluralidade, na justiça histórica e no reconhecimento dos saberes que emergem das margens como constitutivos do todo social.

6. Considerações Finais

Para Paulo Freire⁸ (1996), conhecer a própria história e a realidade em que se está inserido é condição fundamental para o desenvolvimento da consciência crítica. Esse conhecimento não se limita à memorização de fatos, mas implica uma leitura crítica do mundo, na qual os sujeitos reconhecem os processos históricos, sociais e políticos que estruturam suas experiências.

A partir do conhecimento da história de Jardim São Paulo como bairro pertencente não apenas à cidade do Recife, mas também como parte constitutiva de sua identidade, territorialidade e memória cultural, torna-se possível analisar a construção histórica recifense inserida em um contexto social e urbanístico resultante de desdobramentos coloniais, de processos de expansão urbana desigual e de políticas públicas marcadas por assimetrias estruturais.

Articulada a essa história, a estruturação e o desenvolvimento da comunidade Planeta dos Macacos revelam uma trajetória que é igualmente consequência direta desses processos, evidenciando como a formação da comunidade nos conduz a refletir sobre os desdobramentos vivenciados pela sociedade brasileira desde o período colonial. Tal período deixou consequências profundas que persistem na forma de uma herança hegemônica responsável por inferiorizar e negligenciar dimensões fundamentais como gênero, raça, etnia e classe social. No entanto, essas histórias também remetem a perspectivas de resistência e memória coletiva, uma vez que, ao revisitar e valorizar as narrativas que emergem desses territórios, evidenciam-se práticas cotidianas de enfrentamento, pertencimento e preservação histórica que tensionam a lógica colonial.

Ao analisarmos histórias como essas, é necessário também evidenciar o papel feminino dentro desses contextos, como o protagonizado pelas Irmãs Beneditinas da Virgem Maria, cuja atuação foi fundamental nos processos de organização, cuidado e fortalecimento comunitário. A presença dessas mulheres ultrapassou a dimensão religiosa, traduzindo-se em ações concretas voltadas ao acolhimento das famílias, à promoção da educação, ao apoio à saúde e à escuta sensível das necessidades locais. Nesse sentido, sua atuação revela como o trabalho feminino, historicamente invisibilizado, constitui um eixo central na sustentação das comunidades

⁸ Paulo Freire (1921–1997) foi educador brasileiro e referência internacional da pedagogia crítica, defensor da educação como prática de liberdade.

periféricas, operando como forma de resistência cotidiana frente às ausências institucionais e às estruturas patriarcais tradicionalistas.

Assim, as histórias de Jardim São Paulo e da comunidade Planeta dos Macacos apresentam-se como um valioso campo de reflexão e ressignificação ao evidenciarem lutas e resistências constantes que compõem a história brasileira. Ao trazer à tona essas narrativas, rompe-se com leituras simplificadas e estigmatizantes dos territórios periféricos, permitindo reconhecer seus sujeitos como protagonistas de processos históricos marcados pela resistência e pela construção coletiva. Nessa perspectiva, dialoga-se com Paulo Freire ao compreender que conhecer a própria história constitui um exercício de leitura crítica do mundo, por meio do qual os sujeitos tomam consciência das estruturas que os atravessam e se reconhecem como agentes históricos capazes de transformar a realidade. Reconhecer essas histórias, portanto, não é apenas revisitar o passado, mas afirmar a memória como prática emancipatória e política de construção de futuros possíveis.

Referências

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil: dispositivos de racialidade*. São Paulo: Selo Negro, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DANTAS, Rafael. Rio Tejió: entre águas, sonhos e pesadelos. *Revista Algomais*, 23 out. 2023. Disponível em: <https://algomais.com/riotejió/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Maria Lúcia Ferreira da; CUNHA, Djailton Pereira da. Promoção de resiliência: a comunidade na percepção de juventudes periféricas. *Periferia*, v. 13, n. 2, p. 133-157, 2021. DOI: 10.12957/periferia.2021.57110.

FERREIRA, Lúcia Rocha. Oralidade e memória: a função das narrativas na educação. *Perspectiva*, v. 33, n. 1, p. 27-53, 2015. DOI: 10.5007/2175-795X.2014v33n1p27.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

PREFEITURA DO RECIFE. Jardim São Paulo. Recife: Prefeitura do Recife. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/jardim-sao-paulo?op=NTI4Mg>. Acesso em: 22 nov. 2025.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SIAS, Estael. O dia em que Recife inundou e meio Brasil congelou. *MetSul*, 30 mai. 2022. Disponível em: <https://metsul.com/o-dia-em-que-recife-inundou-e-meio-brasil-congelou/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SILVA, Severina Madalena. *Do convento a um barraco na “Planeta dos Macacos”: a participação das Irmãs Beneditinas da Virgem Maria no movimento político de organização social das favelas no Recife (1970-1980)*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Pró-Reitoria Acadêmica – PRAC, Coordenação Geral de Pós-Graduação, Recife, 2017.

SOUZA, Laura de Mello e. *Os desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

UFPE – PIBID História. *A história de Jardim São Paulo – Recife: um engenho que virou bairro*. Recife: PIBID – Licenciatura em História, Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://historiajsprecife.wixsite.com/jsprecife/o-engenho>. Acesso em: 22 nov. 2025.

A HISTÓRIA DE JARDIM SÃO PAULO – RECIFE. *Um engenho que virou bairro*. historiajsprecife.wixsite.com. Disponível em: <https://historiajsprecife.wixsite.com/jsprecife/o-engenho>. Acesso em: 22 nov. 2025.